



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13138 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

CARTAS E PERFORMANCE COMO MOVIMENTOS DE PESQUISA

Marcus Flávio da Silva - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CARTAS E PERFORMANCE COMO MOVIMENTOS DE PESQUISA

RESUMO: O texto compartilha o processo do doutorado em educação que tem como interesse as narrativas das experiências de estágio curricular ocorridas em uma escola de educação básica. Os movimentos da pesquisa são ancorados na perspectiva dos estudos dos currículos com os cotidianos (ALVES, 2008), os estudos da performance (FABIÃO, 2009) e o uso do gênero epistolar (DIAZ, 2016; HAROCHE-BOUZINAC, 2016) como poética definida para a escrita acadêmica. Os modos inventivos da performance e o tempo dilatado da carta, permitem olhar para o cotidiano como *espaçotempo* de criação e reinvenção curricular, entrelaçado em redes de *prácticateoriaprática*. A carta é assumida como narrativa da/na formação que enreda currículos e enlaça redes de práticas e saberes emancipatórios em conversas complicadas (PINAR apud SÜSSEKIND, 2014), atribuindo sentido às experiências ao invés de desperdiçá-las.

Palavras-chave: carta, currículo, narrativas, performance, cotidianos.

Cartas ao Edu – movimento N° 1

Como doutorando em tempos pandêmicos, apartado do convívio dos meus pares e da presencialidade do corpo nos espaços de aprendizagens como as salas de aula, bibliotecas e pátios, sofri com o distanciamento físico embora reconheça ganhos que os aparatos tecnológicos trouxeram para atividade pedagógica durante o período mais intenso da pandemia em nosso país. No contexto do isolamento físico tivemos que encontrar outros

modos de estarmos juntos e neste sentido, procuramos construir descaminhos, reestabelecer rotas que nos levassem a outros lugares, que nos movessem com/na/para a pesquisa.

Foi neste contexto que a primeira carta foi escrita, como trabalho final da disciplina obrigatória, e endereçada a um amigo fictício de nome Edu, a quem dou notícias do percurso letivo e do cotidiano no espaço doméstico. A escolha pelo gênero epistolar, de forma intuitiva no primeiro momento, foi definida, posteriormente, como poética para a escrita acadêmica e como um modo de dar notícias ao outro, ao corpo docente de como o doutorado estava sendo vivido. Um modo de conVERSAR, versar COM, enviar notícias do mundo de cá, pois como diz Haroche-Bouzinac (2016, p. 11) “a carta, conversa com um ausente, representa um fato maior da solidão”.

O Edu surge como personagem no veio de uma criação dramaturgica, como personagem estético (DELEUZE, 2010) com o qual reinvento modos acadêmicos estabelecidos e outros possíveis de vida. Neste sentido, penso com Nilda Alves que

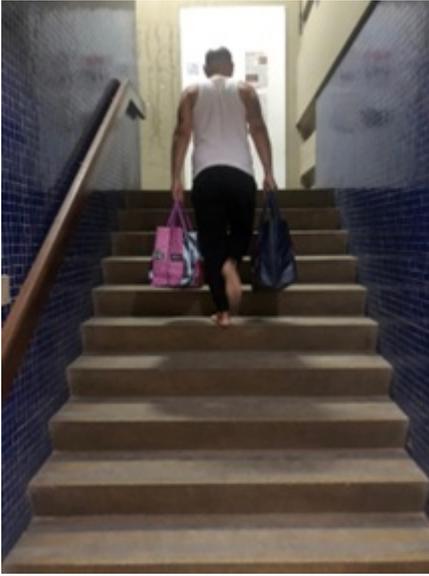
“É preciso criar uma nova organização de pensamento e novos processos a partir daquelas lógicas sempre vistas como inferiores ou pouco lógicas, e mesmo não lógicas, perguntando até se são ou precisam ser lógicas. Vou, assim, precisar criar a partir da não seqüência, de *espaçotempos* vazios ou sem significados lógicos” (2008, p. 24).

As cartas são textos fluidos, híbridos, que rejeitam conceituações fechadas e rígidas “tensionando-se entre a norma e a inventividade, o privado e o público, a oralidade e a escrita, o ensimesmamento e a alteridade, o prosaico e o literário” (Haroche-Bouzinac, 2016, orelha do livro), mas possuem uma caracterização mínima que a distingi de outros textos que é a destinação e subscrição explícitas. A escrita das cartas nos pareceu como uma possibilidade de interação e (re)invenção no/do/com o cotidiano estudantil na pós-graduação dada a sua fluidez, maleabilidade e resistência a conceituações estritas, com trânsito entre as normas e a inventividade com quebra da temporalidade linear do fatos, como afirma a autora mencionada anteriormente. Elas trazem marcas, indícios da experiência vivida no percurso (auto)formativo e desvelam o currículo *pensadopracado* (OLIVEIRA, 2016) uma vez que permite olhar para o cotidiano como *espaçotempo* de criação e reinvenção curricular, múltiplo e entrelaçado em redes de *prácticateoriaprática* (ALVES, 2008), onde os *saberesfazeres* emergem de a escrita epistolar, apostando em outras escritas com os estudos nos/dos/com os cotidianos. Também se configura como conversa complicada uma vez que rizomatizam *conhecimentossignificações* (ALVES, 2019), biografias, sentimentos, englobam diálogos locais e globais, trazem influências e “por ser informada, é claro, por aquilo que acontece e aconteceu fora da sala de aula, como nas famílias dos alunos” (SÜSSEKIND, 2014b, p.32).

Performar parece um caminho - movimento N° 2

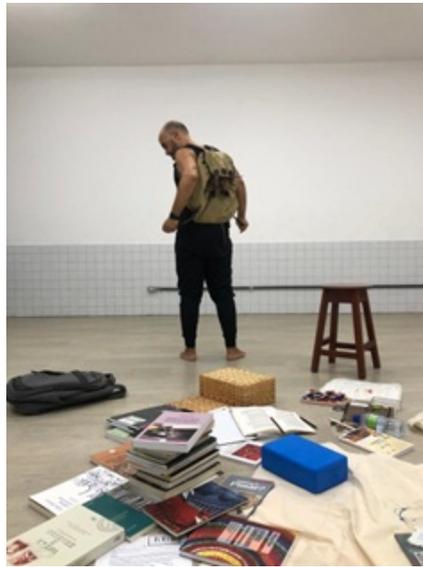
A imobilidade ocasionada pelo tempo diante dos artefatos tecnológicos foi imperativa para que eu pudesse voltar para o corpo, escutar seus impulsos, dores, e potências. Decide dar

vazão e retornei para sala de aula/ensaio a fim de colocar meu corpo no exercício da expressividade, de forma livre e orgânica.



Levei comigo os materiais de estudo: livros, cadernos, desenhos e as narrativas das experiências de estágio impressas.

Levei também os atravessamentos causados pelas leituras, o luto pela não presencialidade das atividades acadêmicas, os desalojamentos vividos diante das encruzilhadas que a pesquisa com as narrativas de formação têm me possibilitado. Tenho movido meu corpo para deslocar ideias... tenho ideias para mover o corpo... Performar parece um caminho. Tento corporificar a pesquisa porque “é preciso ter claro de que não há outra maneira de se compreender as tantas lógicas dos cotidianos senão sabendo que estou inteiramente mergulhada nelas, correndo todos os perigos que isto significa” (ALVES, 2008, p. 18).



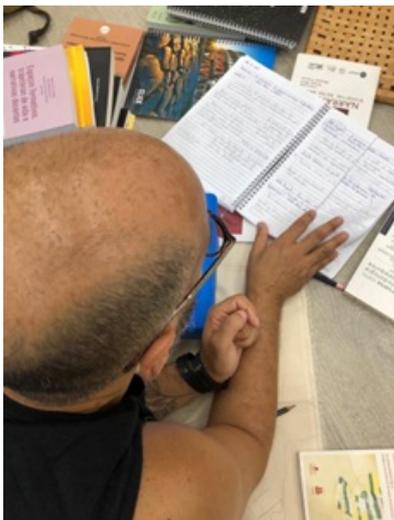
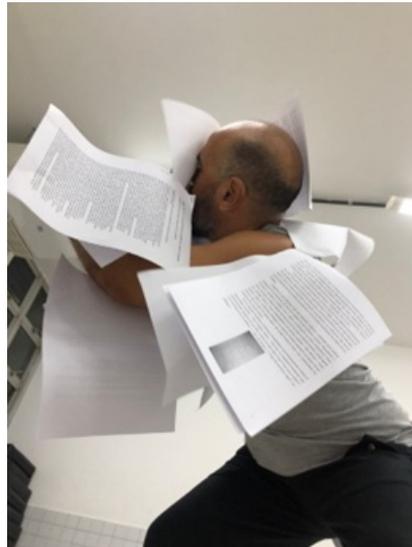
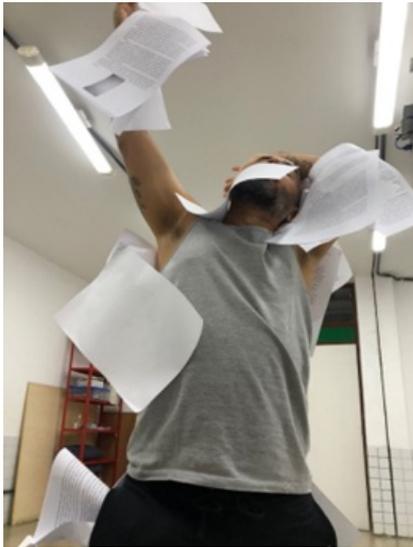
Um conjunto de dispositivos metodológicos próprios do campo da atividade corporal que visam a construção da expressividade continuam sendo acionados, reconstruídos na sala de aula/ensaio, como os jogos psicofísicos, a improvisação, a construção de partituras corporais e células dramatúrgicas. O campo da performance é diverso assim como sua origem e conceituação. Para Eleonora Fabião a “performance desafia definições, pois ativa dinâmicas paradoxais que complicam estatutos tradicionais tanto do fazer quanto da fruição artística: trata-se da fundação de uma *cena-não-cena* [...] É *trans-real*, pois que move e move-se por múltiplas camadas de sentido sem deixar-se fixar” (2009, p. 64).



A poética da performance assume a materialidade do corpo, dos conceitos e dos objetos propondo uma espetacularidade sob uma desconstrução da tríade essencial da linguagem teatral, alterando as relações de espaço-tempo convencionais. O retorno ao chão da escola é carregado de significados porque ao retornar, retorno para o espaço físico da prática

pedagógica que tem, na potência da criação/invenção de mundos, sua matéria maior, seu alimento de subsistência, razão do seu existir. Retorno para poder seguir, arejar os poros “realizar ‘conversas’ entre nós e com outras pesquisadoras/es, fazer aparecer modos outros de ‘fazerpensar’ que atendam ao que ainda não foi ‘feitopensado’ e que precisa ser ‘feitopensado’, entendendo que só assim nos é possível ir adiante” (ANDRADE, 2019, p. 26 - 27).

Na experiência tenho movido as narrativas de formação pelo espaço da criação/invenção, fazendo do meu corpo morada provisória da palavra-ação, performando textos, corporificando currículos, me apropriando da palavra alheia tornando-as minhas, fazendo costuras dramáticas tecidas com fios de meada das redes educativas que formamos e nas quais nos formamos.



Completamente imerso

nesta experiência de mover o corpo deslocando ideias compreendendo que o currículo ganha outras corporalidades sob a perspectiva dos estudos dos cotidianos, morrendo e ressuscitando a cada instante e que toda experiência vivida até aqui “é fortemente centrada na vida cotidiana e na valorização das ações de *resistência* e *sobrevivência* [...] uma metodologia de pesquisa das práticas concretas e das artimanhas produzidas e compartilhadas. *Uma*

metodologia do que é feito e como é feito” (FERRAÇO, 2008, p. 112). Percursos impossíveis de serem antecipados e que só se desvelam a cada passo, indicando descaminhos e encruzilhadas férteis e potentes que impedem um recuo.

REFERÊNCIAS

ALVES, N. **Decifrando o pergaminho** – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas – sobre redes de saberes. Petrópolis: DP *et Alii*, 2008.

ANDRADE, N.; CALDAS, A. N.; ALVES, N. **Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos** – após muitas ‘conversas’ acerca deles. In: OLIVEIRA, I. B.; PEIXOTO, L. F.; SÜSSEKIND, M. L., (organizadores). Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** . São Paulo: Editora 34, 2010.

FABIÃO. E. **Performance, teatro e ensino: poéticas e políticas da interdisciplinaridade**. In: FLORENTINO, A.; TELLES, N., (orgs.). Cartografia do ensino do teatro. Uberlândia: EDUFU, 2009.

FERRAÇO, C. E. **Ensaio de uma metodologia efêmera**: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas – sobre redes de saberes. Petrópolis: DP *et Alii*, 2008.